



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

INDICADORES DE DESIGN PARA A SUSTENTABILIDADE E SUAS RELAÇÕES COM ECONOMIA SOLIDÁRIA: PRÁTICAS DO ARTESANATO EM JUAZEIRO DO NORTE/CE.

Cleonisia Alves Rodrigues do Vale

Especializanda - Universidade Federal do Ceará Campus Cariri

cleodovale@gmail.com

Rebeca da Rocha Grangeiro

Professora Assistente – Universidade Federal do Ceará Campus Cariri

Doutoranda - Universidade Federal da Bahia

rebecagrangreiro@cariri.ufc.br

Jeová Torres Silva Junior

Professor Assistente – Universidade Federal do Ceará Campus Cariri

jeovatorres@ufc.br

1. Introdução

A história do artesanato de Juazeiro do Norte está fortemente vinculada ao crescimento econômico vivido pela mesma no final do século XIX, quando da consolidação da figura de Padre Cícero na região. Segundo Rabello (1967), após a cena da realização do milagre¹ muitos homens e mulheres de várias regiões vieram até ao povoado para receber a benção do beato e acabaram fixando moradia no povoado, contribuindo para um rápido crescimento populacional.

Este quadro exigiu que formas de produção e comercialização fossem desenvolvidas para garantir a sobrevivência desta população (FEITOSA *et al*, 2009). É neste contexto que o artesanato de Juazeiro do Norte é impulsionado e oficinas de produção manual são instaladas nas próprias residências dos artesãos.

No início do século XX as oficinas de trabalho deslocam-se das casas dos artesãos para as oficinas no centro da cidade, com a intenção de atrair mais clientes e criar espaços específicos para determinados ofícios (ARAÚJO, 2006).

A realização do trabalho artesanal, em Juazeiro do Norte, ainda se dá em espaços coletivos. Gonçalves (2010) aponta cinco associações de artesãos, são elas Associação dos Artesãos da Mãe das Dores, Associação dos Artesãos de Juazeiro do

¹ Transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo.



Norte, Grupo dos Artesãos da Palha (mais conhecida por Genipoart), Associação dos Artesãos, Lapidários e Ourives do Cariri (ALAMOCA) e a Associação dos Artesãos da FEART (Feira de Artesanato).

O associativismo é um dos pontos da Economia Solidária que aqui será constantemente evocado pela relação direta que existe com a produção do artesanato local. Não pretendemos nessa pesquisa analisar como ocorre a prática da gestão dentro de cada associação, mas utilizá-las como meio facilitador do acesso às informações sobre dados sociais, demográficos, econômico e da produção artesanal em si.

Valorizamos o conceito de *design* que considera o “saber fazer” e os modos de produção artesanais como ferramentas úteis e singulares do *design*. Consideramos a perspectiva social da troca de oportunidades, saberes, informações e valores materiais e imateriais, que reflete o potencial de um campo fértil para a expansão da solidariedade e da distribuição das receitas como forma equânime de compartilhamento de resultados entre as esferas envolvidas na cadeia do artesanato.

Outrossim, entendemos que a expressão “*design* para a sustentabilidade” se estende às funções do *design* como é entendido amplamente, pois envolve a inovação social orientada para a sustentabilidade, a busca por soluções promissoras entre outros critérios para a sustentabilidade nos seus variados âmbitos.

Assim, o escopo desse artigo é apresentar indicadores de *design* para a sustentabilidade nas práticas do artesanato de base associativa em Juazeiro do Norte/CE e suas relações com a economia solidária.

2. Marco Teórico Conceitual

2.2 Economia Solidária

A Economia Solidária é outra forma de economia que se desenvolve na contemporaneidade e tem como o principal antecedente o cooperativismo operário, que surge como reação ao alarmante empobrecimento dos artesãos provocado pela propagação das máquinas e da organização fabril da produção da Primeira Revolução Industrial. Porém, partindo de uma visão intercultural, existiram em todos os



continentes e em diferentes culturas práticas econômicas fundadas em princípios de solidariedade.

Vários teóricos se dedicam à conceituação da Economia Solidária. França Filho (2002,) seguindo referenciais de sociologia e antropologia econômica – dentre eles Marcel Maus e Karl Polanyi – entende a idéia da Economia Solidária como uma outra possibilidade de sustentação das formas de vida de indivíduos em sociedade, não centradas nas esferas do Estado e do Mercado.

A mesma percepção tem Andion (2002) ao identificar a Economia Solidária, como um conjunto de organizações que atuam no campo social mobilizadas a partir da sociedade civil e que têm as seguintes características: (i) demanda e oferta são construídas conjuntamente, ou seja, as iniciativas vinculam-se exclusivamente às necessidades ou demandas reais vividas localmente pelas populações; (ii) são espaços enraizados na esfera pública, constituindo-se em uma comunidade política local; (iii) visam uma ampliação do acesso a bens e serviços produzidos; (iv) e sua gestão está baseada na hibridação de diferentes fontes de financiamento (doações, vendas de produto, fontes públicas, investimento social privado, etc). De acordo com França Filho e Andion, a Economia Solidária permitiria a essas organizações assumirem, simultaneamente, funções produtivas, espaços de proximidade e espaços públicos.

Enquanto prática, a Economia Solidária se firma de modo concomitante em duas realidades distintas – na Europa e na América Latina – ao longo dos anos 90. Como se percebe, acontecem em vários países e não só nos ditos “subdesenvolvidos”. Em outras palavras, não estão necessariamente relacionadas à pobreza, mas sim a condições mais justas de produção e distribuição de ganhos e de melhor condição de vida e tem-se revelado como eficiente mecanismo gerador de trabalho e renda.

No Brasil, a Economia Solidária se encontra inserida – nos nossos dias – na concepção de novas formas de trabalho e geração de renda, a partir de movimentos e organizações da sociedade civil, que se expressam na forma de cooperativas de crédito, bancos populares, cooperativas populares de produção e de serviços, empresas autogestionárias, clubes de trocas, associações de produtores e de moradores que estão empreendendo múltiplas atividades socioeconômicas com forte vínculo a perspectiva do desenvolvimento social e político local (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004, p.150-158). A resistência de trabalhadores e trabalhadoras, à crescente exclusão, desemprego



urbano e desocupação rural se configurou como fator fundamental que impulsionou o rápido crescimento do movimento da economia solidária no país.

Com a articulação de atores diversos, essa resistência se manifesta na forma de iniciativas associativas e solidárias, dentre as quais, estão os grupos organizados de artesãos que se unem para suprir necessidades de geração de renda e para lutar por políticas públicas para artesanato. Uma busca no *site* cirandas², nos revela mil e oitocentos empreendimentos solidários de produção artesanal espalhados pelo país. O que demonstra a força deste modo de produção e de organização em âmbito nacional.

Para Silva Jr & França Filho (2003), em reforço a esta argumentação, o reconhecimento – no caso do Brasil – da existência desta outra lógica econômica encontra-se no conjunto de experiências associativistas e de cooperativistas populares, “marcadas por uma dinâmica associativa do ponto de vista interno, mas ao mesmo tempo abertas sobre o espaço público, isto é, voltadas para o enfrentamento de problemáticas públicas locais”.

Segundo estes autores (SILVA JR; FRANÇA FILHO; 2003), a consideração destas formas de produção e distribuição de riqueza baseadas nos princípios associativos e recíprocos seria um passo para o entendimento conceitual do que se compreende pela noção de Empreendimento da Economia Solidária. Reforçando, é neste tipo organizacional de empreendimento que se enquadram as associações de artesãos, como as tratadas neste artigo.

2.3 Do design ao *design* para a sustentabilidade

A história do *design* como um todo, considerando que o termo é muito abrangente, se mistura com a própria história da cultura material. Desde a pré-história o homem já produzia objetos, edificações e imagens. Alguns teóricos chamam os resultados dessas produções de *design* vernacular³, que são soluções materiais ou

² O Cirandas é uma iniciativa do FBES - Fórum Brasileiro de Economia Solidária - que tem como objetivo oferecer ferramentas na internet para promover a articulação econômica, social e política de quem gosta da Economia Solidária ou vive dela. Disponível em: <http://cirandas.net/fbes/o-que-e-o-cirandas>

³ Para descrever formas alternativas ou não-acadêmicas de *design*, diversas outras expressões são utilizadas, como "*design* alternativo", "*design* improvisado", "*design* popular", "*design* espontâneo". Gambiarra é o termo popular que vem sendo cada vez mais usado para definir este tipo de prática.



visuais e artefatos presentes no cotidiano, e que indicam forte ligação com a cultura local, em outras palavras, qualquer artefato desenvolvido a partir de um hábito cultural.

Cada cultura tem um relacionamento próprio com os seus objetos, o que torna difícil fazer uma separação generalizada entre objetos de arte e de *design*. A utilização das práticas do que viria a se tornar o *design* tomou corpo em meados do século XIX com a Revolução Industrial. As novas tecnologias transformaram radicalmente as forma de produção, o que antes era produzido artesanalmente passou a ser produzido em série. O protótipo do produto ainda era criado pelo artesão, mas as exigências de rigor no projeto fez surgir a necessidade de um novo profissional especializado em projetar artigos que se adaptassem à nova realidade tecnológica.

Desde a sua industrialização o mundo segue a todo vapor em direção ao ‘progresso’, a sociedade de produção descobre a existência do consumidor. Na sociedade de consumo, a felicidade é medida pelo poder de compra e se estabelece uma ‘mecânica do consumo’ onde a lei é a renovação dos bens de obsolescência planejada e apoiada por criativas publicidades. Em meio a uma sociedade intolerante e materialista emerge a ecologia, a sociedade se sensibiliza diante da inevitável consequência da industrialização exagerada e do modo de vida calcado no consumo.

O conceito do *design* se solidifica associado à industrialização, o que teoricamente o distancia das tecnologias manuais, com modos viver, fazer e pensar próprios das culturas anteriores à industrialização como era praxe antes do advento da atual sociedade pautada no consumo.

Ainda que alguns teóricos compreendam que o *design* não condiz com as tecnologias manuais, outros conceitos englobam o reconhecimento da utilização do artesanato como ferramenta de expressão do *design*, enfatizando o seu potencial transformador em comunidades tradicionais e em empreendimentos solidários. O *design* pode ampliar as possibilidades de forma criativa, além de buscar soluções estimulando a substituição da competição pela cooperação, ou pelo menos, buscando proporcionar um equilíbrio entre esses dois vetores.

Concordamos com Cunha de Castro (2009) que a possibilidade de projetar pequenas séries diferenciadas para produção em ambientes tradicionais viabiliza uma forma de *design* que se alimenta na cultura contemporânea e local caracterizada por singularidades regionais, partindo do contexto produtivo artesanal para dotá-lo de



estratégia e método; o artesanato poderá contribuir para a busca do desenvolvimento sustentável nas suas variadas dimensões.

Nesse sentido, Manzini (2008, p.33) aponta como uma das tendências rumo ao desenvolvimento de soluções de *design* “o uso compartilhado e flexível dos bens comuns e a infra-estrutura de serviço” e a inteligência de sistema onde alguns dos seus aspectos mais característicos são fortalecer as pessoas, desenvolver redes e produzir com resíduo zero.

Desta forma, as funções do *design* não se limitam a configurar, conceber, elaborar e especificar um artefato. Conforme Manzini (2008) é fundamental buscar uma abordagem estratégica do *design* e levar seriamente em consideração os critérios da sustentabilidade para que nos movamos da concepção de *design* predominante em direção ao *design* para a sustentabilidade.

Por tanto, encorajar a mudanças no modo como os indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades é um das finalidades do *design*. É com essa perspectiva que aproximamos o *design* das práticas da economia solidária, assim podemos destacar o desenvolvimento sustentável nas dimensões ambiental, social, político, cultural, econômico e institucional.

3. Delineamento Metodológico

Os dados analisados nesse artigo são um recorte do mapeamento dos artesãos realizado para a primeira etapa do Projeto Fomento à Economia Solidária e Fortalecimento dos Laços Sociais na Região do Cariri, desenvolvido pelo Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS) da Universidade Federal do Ceará no Campus Cariri.

Após realização do pré-teste, elaboramos uma versão final do roteiro de entrevista composto por 70 questões, distribuídas em três sessões: a) identificação pessoal e condições de moradia; b) condições profissionais e econômicas; c) aspectos educacionais e culturais. O instrumento utilizado para tal consistiu em um roteiro de entrevista que combinou perguntas estruturadas, em que os entrevistados respondem a perguntas cujas possíveis respostas já estão previamente selecionadas, e perguntas semi-



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estruturadas, em que o respondente pode discorrer sobre a pergunta livremente (MINAYO, 2010).

Do cadastro fornecido pela Ceart, Associação dos Artesãos do Padre Cícero, Associação da Mãe das Dores, Associação dos Artesãos da Feart, Genipoart e ALAMOCA foram entrevistados 225 artesãos. A partir do roteiro de coleta de dados em sua versão final, as entrevistas com os artesãos do município de Juazeiro do Norte foram iniciadas em março e encerraram-se em agosto de 2009.

Os dados foram tabulados no SPSS v.15 e receberam tratamento estatístico, análises e interpretações de alguns dados demográficos, aspectos relativos à produção artesanal, participação nas associações e questões referentes à sustentabilidade. Os resultados e discussões dos mesmos encontram-se na sessão seguinte.

4. Resultados e discussão

A proposta desse artigo é apresentar os indicadores de *design* para sustentabilidade no artesanato de base associativa em Juazeiro do Norte e suas relações com a economia solidária.

As iniciativas voltadas para *design* para sustentabilidade não se restringem a dimensão ambiental. Também sua aproximação com Economia Solidária reclama análise de aspectos econômicos e sociais da prática artesanal em Juazeiro do Norte. Destarte, para elaboração desse relatório de pesquisa fizemos recortes dos dados coletados em ação do Projeto Fomento a Economia Solidária e Fortalecimento do Laços Sociais na Região do Cariri.

Foram respondidos 225 questionários em forma de entrevistas, dos quais 73 respondentes eram do sexo masculino (32,4%) e 152 do sexo feminino (67,6%). 80 respondentes, ou seja, 35,5% da amostra têm mais de 44 anos. A média de idade dos artesãos que participaram da coleta de dados correspondeu à 40,36 anos.

Tratando da dimensão ambiental do *design* sustentável, apresentaremos dados sobre tipologia, preocupação ambiental por parte dos artesãos, preocupações em relação a aquisição da matéria-prima e descarte dos resíduos do processo produtivo. Em relação à tipologia, que segundo classificação do Sebrae refere-se à matéria-prima utilizada na confecção das peças temos: os maiores percentuais entre a utilização de



palha (24%) e madeira (21%). Conforme relata Santos (2007), entre as tipologias de artesanato mais produzidos em Juazeiro do Norte estão a palha, a cerâmica e a madeira. Acreditamos que a disponibilidade da matéria prima na região contribui para essa predominância. Além da importância cultural, simbólica e religiosa contidas no chapéu de palha característico dos romeiros do “padinho”, visto que grande parte do trançado em palha é voltada para a produção dos chapéus.

60,9% dos entrevistados responderam positivamente quando questionados se agem com preocupação ambiental na seleção da matéria-prima e 39,1% responderam negativamente. No entanto, observamos que dos 134 respondentes que afirmaram ter preocupação ambiental na seleção da matéria-prima, apenas 66 responderam qual tipo de cuidado ambiental desenvolviam. Possivelmente, os artesãos têm consciência da importância das práticas sustentáveis, mas de fato não a praticam.

Isso se torna evidente quanto a forma de aquisição da matéria-prima, pois maior parte dos respondentes compram a matéria-prima (84,2%); 1,8% recolhem na vizinhança; 0,5% recolhem no lixo; 2,3% extraem da natureza; 1,8% coletam da natureza; 4,5% recebem doações e 5% adquirem a matéria-prima de outra forma. Seguindo os princípios da sustentabilidade, seria ideal que os maiores percentuais de respostas se referissem a recolher na vizinhança e no lixo, coletar da natureza (de forma responsável) e receber doações. No entanto, a maioria dos respondentes compra a matéria-prima e se desresponsabiliza de aspectos como plantio e extração, utilização de agrotóxicos e por outro lado encarece seu produto e muitas vezes descaracteriza o artesanato tradicional.

Nas questões de sustentabilidade, a preocupação com a matéria-prima tem lugar de destaque. Pois de acordo com Freeman (2010) a cultura tem como maior recurso o patrimônio imaterial, mas não há produção cultural sem utilização de recursos materiais. Todo recurso material ou físico é passível de esgotamento e seu uso pode ser poluente. O artesanato, não existe sem o suporte físico e, portanto, depende da sua sustentabilidade.

Complementando a idéia exposta anteriormente, Reis (2006) concorda que partindo do princípio da sustentabilidade a matéria prima deve ser adquirida de forma que menos impactante ao meio ambiental, pois a negligência em preservar a diversidade biológica acarreta perdas irreversíveis para a diversidade cultural.



A preocupação ecológica parece ser mais expressiva em relação aos resíduos da produção artesanal que em relação à aquisição da matéria-prima. Pois 34,7% dos respondentes afirmaram colocar lixo para coleta e 1,3% desses afirmaram realizar separação de material reciclável. 31,6% reutilizam na confecção de outros produtos; para 19,1% não há geração de resíduos. 8,9% queimam os resíduos; 0,4% colocam em terrenos. 0,9% transformam os resíduos em adubo e 1,8% doam para outros artesãos.

Manzini (2008) coloca que a preocupação com a destinação do resíduo gerado pela produção é um critério para a sustentabilidade e refere-se aos princípios éticos relacionados às pessoas, à sociedade e à nossa relação com a natureza e o meio ambiente. Porém, no que se refere ao restante do ciclo de vida do produto, de fato, precisa haver uma conscientização efetiva. Percebemos que existe uma sensibilidade ou uma receptividade para questões ambientais, mas carecem de informação, orientação e acompanhamento.

Na dimensão econômica foram analisadas variáveis envolvendo a renda adquirida a partir do artesanato. A primeira delas se o artesão possuía outra atividade que proporcionava renda. Essa questão teve 44 não-respostas, ou seja, dos 225 entrevistados, 181 responderam esse questionamento. A abstenção de 44 respondentes denuncia uma dificuldade em pesquisas com artesãos que se refere à adesão a perguntas sobre renda e a veracidade das respostas emitidas. Excluindo as não-respostas, temos que 36,4% não possuem outra atividade; 17,1% são empregados com ou sem carteira assinada. Percentuais baixos são ocupados por trabalhador rural, agricultura familiar, empreendedor formal e informal, funcionário público e empregado doméstico. Conforme Barbosa da Silva (2007), em pesquisa realizada sobre mercado de trabalho cultural, aponta artesanato como setor cultural de menores rendimentos econômicos e níveis de escolaridade e alto índice de informalidade. A predominância da exclusão social no artesanato favorece a busca dos artesãos por outras atividades, para complementar a renda familiar.

Por outro lado, para 69,6% da amostra, o artesanato representa principal fonte de renda. Isso complexifica a análise de sustentabilidade econômica do artesanato em Juazeiro, pois ao mesmo tempo que esse trabalho não é suficiente para manter o artesão ele permanece como renda principal do mesmo.



A participação de parentes e filhos no artesanato, ser associado, vantagens de ser associado são variáveis analisadas como dimensão social da Economia Solidária e do *design* para sustentabilidade. Temos que 61% da amostra possui algum parente trabalhando também com artesanato os maiores percentuais concentram-se entre esposo(a), filho(a) e irmão (53,2%). Em 52,4% dos casos pelo menos um filho participa do artesanato. A partir dos dados apresentados, podemos afirmar que o artesanato em Juazeiro do Norte é marcado pela presença do núcleo familiar (filhos e pais) na realização da atividade.

Quanto ao tipo de empreendimento 52,5% dos respondentes eram autônomos e 43% faziam parte de associações, enquanto 4,5% micro ou pequena empresa. Das associações as quais os mesmos fazem parte temos ALAMOCA – Associação dos Artesãos Lapidários e Ourives de Juazeiro do Norte (1,4%); FEART – que não se caracteriza como associação, mas faz parte da Secretaria de Cultura do Estado (12,3%); Associação dos Artesãos da Mãe das Dores (26%); Associação dos Artesãos do Padre Cícero (49,3%), AVBEM – Associação dos Voluntários para o Bem Comum (1,4%), CEART – Central de Artesanato do Ceará (2,7%), GENIPOART – Associação do Grupo de Artesãos da Palha (5,5%), Pastoral da Criança – não se configura como uma associação de produtores (1,4%).

Conforme o Fórum Social Mundial (2003) *apud* Freeman (2010, p. 47):

O movimento cooperativista é historicamente uma das primeiras formas de economia solidária. Apareceu durante a Revolução Industrial como resposta dos trabalhadores à exploração social desse período. As experiências cooperativistas são muito variadas e operam em todos os setores da produção, e no mundo inteiro, oferecem respostas democráticas às relações competitivas e individualistas da economia convencional.

Os que faziam parte de associação foram perguntados se percebiam alguma vantagem em fazer parte de associação, 84,3% responderam que sim e 15,7% responderam não. As vantagens percebidas foram aumento de renda (21,9%), oportunidade de trabalho (35,4%), conhecer outras pessoas (11,5%), ajuda do grupo para superar dificuldades (10,4%), facilidade para treinamentos e viagens, outras (19,8%). Inúmeras são as vantagens do trabalho coletivo com cooperação entre os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

indivíduos. Freeman (2010) aponta a possibilidade de redução nos custos a partir das compras no atacado.

O local onde o trabalho é realizado e a propriedade dos equipamentos de produção constituem aspectos da produção artesanal. Aproximadamente 90% dos artesãos trabalham no próprio domicílio, esse fato justifica do *design* sustentável tanto em sua dimensão social – porque favorece o trabalho no grupo familiar – quanto cultural, pois representa uma tradição do local, proposta pelo fundador da cidade, quando o mesmo divulgava o lema “em cada casa uma oficina, em cada oficina um oratório”. Já a propriedade do equipamento de trabalho, em 87,6% dos casos faz-nos refletir sobre a dimensão social do *design* sustentável, que nesse caso não parece ser indicador de sustentabilidade ou mesmo dos princípios de Economia Solidária.

5. Considerações Finais

Considerando que o desenvolvimento, como entendido tradicionalmente representa uma perspectiva objetivamente impraticável, acreditamos que o desenvolvimento deve buscar as melhorias da qualidade de vida substantiva e instrumental, envolvendo as dimensões: econômica, social, cultural, ambiental e físico-territorial, político-institucional e científico- tecnológica. Nesse sentido, encontramos exemplos de eco-vilas e comunidades criativas socialmente difusas desenvolvendo ações colaborativas visando resolver seus problemas ou criar novas oportunidades, promovendo com isso uma melhora integral da qualidade de vida da comunidade.

Nesse sentido realizamos uma investigação dos indicadores de *design* sustentável nas práticas do artesanato em Juazeiro do Norte e sua relação com Economia Solidária visando contribuir para nortear futuras pesquisas, bem como no sentido prático de colaborar com a sustentabilidade (econômica, social e ambiental) do artesanato da cidade.

A elaboração do estudo fundamentou-se no levantamento de dados com um grupo de 225 artesãos da cidade de Juazeiro do Norte. Buscamos embasamento teórico para a análise dos dados coletados dos entrevistados em teóricos das áreas do *Design*, Artesanato, Gestão Social, Economia e Política Cultural, Gestão Cultural e História.



Da análise do estudo, foram apresentados indicadores de sustentabilidade presentes nas práticas do grupo de artesãos, pois a atividade faz parte da tradição familiar e é desenvolvida nesse ambiente; pois quase metade dos respondentes são associados; porque representa principal fonte de renda para mais da metade da amostra. Por outro lado, há alguns aspectos da sustentabilidade ambiental que precisam ser desenvolvidos, pois percebemos que há consciência da necessidade de práticas ecológicas no descarte dos resíduos, porém em menor medida no que se refere à aquisição da matéria-prima, ou seja, o discurso difere ou limita a prática. À guisa de sugestão para pesquisas futuras, apontamos que os dados podem ainda ser amplamente explorados de outros pontos de vista e a partir de novas correlações entre variáveis como preocupação ambiental e escolaridade, preocupação ambiental e tipologia artesanal.

Algumas limitações no mapeamento são 1) interferência do efeito da deseabilidade social, pois percebemos que 61% da amostra afirmaram agir com preocupação ambiental porque imaginam essa ser a resposta esperada pelo pesquisador; 2) A ausência de um cadastro dos artesãos de Juazeiro do Norte; 3) A dificuldade dos artesãos em responderem perguntas sobre aspectos econômicos do artesanato.

Outrossim, este trabalho contribui á academia por meio do fornecimento de informações que são úteis na compreensão do comportamento do artesão de Juazeiro do Norte e também aponta ás Políticas Públicas necessidade de ações voltadas para a sensibilização, conscientização e finalmente prática de atitudes sustentáveis nas suas variadas dimensões. Mas cientes que essa transição rumo à sustentabilidade será um processo de aprendizagem social no qual os seres humanos aprenderão gradualmente, através de erros e contradições.

Referências

AMARAL FILHO, Jair do. Trajetória dos Programas de Apoio aos Sistemas e Arranjos Produtivos Locais – SAPLs no Ceará. In: **Anais do Redesist Dez Anos**, Redesist/URFJ/BNDES, Rio de Janeiro, 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ANDION, Carolina M. As particularidades da gestão em organizações da economia solidária. **In:** ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25, 22-26 de setembro de 2002, Campinas/São Paulo, **Anais...** Campinas, 2002.

ARAÚJO, Iara Maria de. **Os Novos Espaços Produtivos:** Relações sociais e vida econômica no Cariri cearense. Tese de Doutorado. Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, março de 2006.

BARBOSA DA SILVA, Frederico A. Economia e Política Cultural: acesso a emprego e financiamento. **Coleção Cadernos de Políticas Culturais, v. 3.** Brasília: MINC, 2007. Disponível em: [HTTP://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cadernosdepolitica/cadvol3.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/cadernosdepolitica/cadvol3.pdf). Acesso em Fevereiro de 2011.

BAZIN, Germain. **História da história da arte.** Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BÜRDEK, Bernhard E. História, teoria e prática do design de produtos. Tradução Freedy Van Camp. São Paulo. Editora Edgard Blücher, 2006.

CUNHA DE CASTRO, Maria Luiza Almeida. Entre a arte a indústria: o artesanato em suas articulações com o design. **Revista Espaço Acadêmico, v 9, n. 102.** 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7356/4809>.

CULTI, Maria Zenilda; KOYAMA, Mitti Ayako H.; TRINDADE, Marcelo. **Economia Solidária no Brasil:** Tipologias dos Empreendimentos Econômicos e Solidários. São Paulo: Todos os Bichos, 2010.

FRANÇA FILHO, Genauto C. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. **In: Bahia análise e dados.** Salvador, v. 12, n. 1, p. 9-19. jun. 2002.

_____; LAVILLE, Jean-Louis. **Economia Solidária:** uma abordagem internacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro; QUEIROZ, Silvana Nunes de; CORDEIRO



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

NETO, José Raimundo. Industrialização, Trabalho e Sociabilidade no Espaço Urbano do Triângulo CRAJUBAR-CE. In: **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v.1, n.2, p.91-104, jul. 2009.

FREEMAN, Claire Santanna. **Coleção Monografias Cadeia produtiva da economia do artesanato: desafios para seu desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Ed. E-livre, 2010. Disponível em: http://www.gestaocultural.org.br/pdf/ClaireSF_vers%C3%A3o_ONLINE.pdf. Acesso em Fevereiro de 2011.

GONÇALVES, Sara Maria da Silva. **ECONOMIA SOLIDÁRIA, ASSOCIATIVISMO & AUTOGESTÃO: uma análise das associações de artesanato de Juazeiro do Norte/CE**. Monografia (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte. 2010.

MANZINI, Ézio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, Ézio; VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis: Os requisitos ambientais dos produtos industriais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MARTINS, S. Arte e artesanato folclóricos. Coleção: **Cadernos de Folclore**, n.º 10, Brasília: Funarte, 1973.

MINAYO, Maria Cecília S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de Mestre: itinerários de arte e tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

RABELLO, Sylvio. **Os Artesãos do Padre Cícero: Condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

REIS, Ana Carla. Diversidade Cultural e Biodiversidade – Patrimônio Independentes e Pré-Requisitos para o Desenvolvimento Sustentável. II ENECULT – **Encontros Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecul2006/ana_carla_fonseca_reis.pdf. Acesso em Fevereiro de 2011.

SANTOS, Evelynne Tabosa dos. **Exportações de Artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006**: Desafios e oportunidades. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Administração da Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

SILVA JR, Jeová T.; FRANÇA FILHO, Genauto C. Fato associativo e economia solidária: a experiência do banco Palmas no Ceará. **In**: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL, 9, 15-19 de junho de 2003, Salvador, Bahia. **Anais...** Salvador, 2003.

THACKCARA, John. **Plano B: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo**. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo. Editora Saraiva: Versar, 2008.